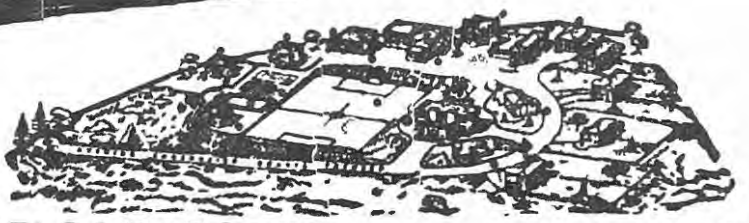


AVENÇA



Gaiato



Visto pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 284 • PREÇO 1\$00

NATAL DE 1954

Aos nossos de Moçambique, da Zambézia, de Manica, de Gaza, de Lourenço Marques. Aos nossos de Porto Alexandre, do Lobito, de S. Paulo de Luanda e outros pontos da província de Angola. Aos nossos do arquipélago dos Açores. Aos dos Rio de Janeiro. Aos da cidade de S. Paulo. Aos de Londres.

Aos Maiorais dos Lares de Coimbra, do Porto e de Lisboa. As Casas do Gaiato do Tojal e de Miranda. A Casa do Gaiato de Ponta Delgada.

Aos deles que servem Armas nos diferentes quartéis da Nação. Aos fugidos. Aos dispersos em seus empregos. Aos constituídos em país de família. Aos detidos nas prisões por delitos confessados.

A todos e cada um eu, vosso servo, desejo repetir que a «Obra da Rua» nasceu no Altar e logo foi consagrada ao Santíssimo Nome de Jesus.

Posto isto e para que todos saibais de como a festa decorreu, dirijo-me aos da Zambézia, por mais distantes. A distância gera a saudade. Esta alimenta-se de recordações.

O sol; o sol da nossa terra foi este ano doce companheiro da temporada do natal. Não o vosso; o da Zambézia. Esse queima. Este aquece. Ainda ele era alto e já os rapazes do Lar do Porto iam chegando, até que Avelino, à noite, foi buscar os derradeiros na furgoneta. Também vieram alguns dos que vivem sobre si. Para não ir mais longe digo-vos do Constantino, hoje um trabalhador da H. I. C. A., Caniçada. Tão havido dos superiores, que tem boa soldada e vai-se casar brevemente. Trouxe dinheiro de assinaturas. Trouxe novos assinantes. Trouxe trabalho da Companhia para o Júlio. Todo ele era gesto e alegria. O Constantino! Não me canso de afirmar; esperemos pela hora de Deus! Ele mesmo, enquanto se desdobra, ia exclamando—*for Deus que me deu a hora!* E foi.

Chega a hora espumante. Dos três, com todas as mesas, fez-se um único refeitório. O bacalhau tinha estado desde a véspera na mina da mata. Vi um carro de tronchudas avenida acima, Trofa a chamar os bois, Bento a tocar e Ququito ao lado a encher. Batatas era a melhoria das 45 toneladas que este ano se colheram. Dois dias antes do dia, depois de tudo arrumado, começou na cozinha o tráfego das rabanadas. Cacetes, leite, mel, açúcar, ovos. As duas bocas do fogão; Benardino e Rocha numa. António Foz e Russo na outra. As senhoras a cortar. Gaia e outros a molhar. Os do lume a

fritar. No fim, merenda. Eu protestava. *Não é das inteiras!* Vocês faziam e diziam assim...!

Eram dez horas e tudo estava no fim. Ia agora começar a récita no nosso salão de festas. *Sejaquim* apurou-se no que lhe dizia respeito. Os actores mostraram-se de classe. Ramada e Manuel Bucha, tal como no Coliseu, foram ases do canto. A sala foi pequena de tanto povo. Depois a capela. Meia noite e começa a Missa. Este ano, fomos três sacerdotes ao altar; o senhor padre Aires de Ordins, veio consolar e tomou parte tendo sido, até, o pregador. Dia seguinte, houve desafios entre equipas do Lar e de Paço de Sousa. A mesa estiveram os nossos tão nossos, D. Ana e senhor Albino; ela tem sido desde o primeiro dia a *senhora dos emblemas*, a *senhora do Amândio* e hoje é a *senhora do bolo rei*. Não falta. Vós sabeis como é. Meio dia

na torre e ela a tirar bolos do seu carro e a partir e dar sua fatia a cada um. Só no fim é que se senta. Vós sabeis como é. Tal como antes, agora. Recebemos mensagens pelo correio, pelo telégrafo: Luanda, Lobito, Lourenço Marques, Luabo, Chinde. Uma chamada da Beira encalhou e à hora em que esta faço, não se sabe como nem aonde! Também tivemos de Londres, do Amândio. Talvez seja agora a maré de eu ir a Londres. Ele é da Embaixada Brasileira. Vamos a ver. Doutor Herlander, hoje Notário na Comarca de Cabeceiras de Basto, também se apresentou num cartão de boas festas. Como estais vendo, não temos desmerecido nem desmorcido.

Aqui foi assim; e af?! Foi semelhante. Digo melhor; foi igual. Porquê? Pela presença, tudo isto que vos relato, esteve aí e cada um de vós esteve aqui. Eis.



Quem é ele? Vejam o «Isto é a Casa do Gaiato».

ECOS DO ATLÂNTICO

Por Padre Elias

Lá se foi o Natal, a alegria da pequenada. Das velas só restam as lágrimas presas aos castiçais; as flores murcharam, foram-se os figos, esvasiaram-se as garrafas e até as árvores e as figurinhas do presépio parecem mortas. De cansados os pequenos puseram-se a dormir pelos cantos e eu mandei-os à deita. Dormem agora profundamente, abraçados aos destroços dos brinquedos que o Menino Jesus lhes trouxe.

Pouco se dormiu nas últimas duas noites e daí o sono, a cansa e o aborrecimento.

Já há três anos que a Sociedade Publicitária Açoreana vem realizando o Natal do Gaiato.

Espalham mealheiros pelo Comércio, juntam brinquedos, guloseimas e outros géneros; chamam poetas, cançonetistas e actores de teatro; convidam a cidade inteira e vêm em procissão até cá cima na noite da ante-véspera do Natal.

Este ano o Snr. Governador esteve a presidir ladeado pelas outras autoridades do Distrito. Foi Sua Ex.cia que deu início à festa, partindo o primeiro dos muitos mealheiros. A cidade estava ali representada: os pobres, os remediados e os ricos. Eu nunca vi tanto amor nem tanta boa vontade!

Choveram os envelopes silenciosos em pedras grandes e pequeninas, nacionais e estrangeiras, em notas de banco e em cheques, para a ermida a construir lá em cima.

Os nossos garotos tinham os olhos cheios e os corações de to-

dos os presentes igualmente cheios. O telegrama do Pai Américo foi ouvido em religioso silêncio e agradecido com uma sonora salva de palmas.

Por último fui eu ao microfone para agradecer. Já não recordo tudo o que disse mas sei que o caso da família da furna, fez lágrimas nos olhos e feridas no peito. A noite de Natal e os inocentes na furna; os meus com um mundo de brinquedos e os outros sem o pão para a boca.

Muitas pessoas ofereceram as suas casas para recolher os irmãos e eu vi-me em dificuldades para resolver.

No outro dia desci mais Rafael com um carro cheio, para distribuir. Demos. Rafael feliz e eu com ele. Vinho, figos, peças de roupa, brinquedos, mercearia e dinheiro. O meu companheiro dá e foge. Melhor do que eu, ele conhece a fome e a miséria dos irmãos. Dá com a mesma alegria com que recebeu. A caridade não é invejosa, não julga mal, não esconde o melhor, nem as grandes somas, não é ambiciosa, nem faz caixinha.

Na noite seguinte foi a ceia de Natal e a Missa do Galo à meia-noite em ponto. Eu ao altar e eles a cantar a Missa "de Angelis". No vasto salão não havia mais lugares. Muita gente a cantar e a comungar com eles. A simplicidade e a candura do presépio.

O beija-pé do Menino, mais umas consoladelas e finalmente a cama. Desceu o silêncio e o sono e eu entrei nos dormitórios com as

mãos cheias de brinquedos. Deixei ficar ao lado de cada um e vim-me louvando o Pai Celeste.

—Hoje, dia de Natal, levei-os pela primeira vez ao novo prédio de Monte Alegre, surpresa que eles agradeceram muito.

Partimos depois do almoço no carro que a Companhia colocou à nossa inteira disposição. Logo que lhes disse que a nossa casa estava à vista, foi um delírio: gritos, palmas, vivas.

Abriu-se o portão e eles sumiram-se. E os trepidos às árvores, desafiando os passarinhos, nossos amigos. Uma tremenda batalha com cascas de laranja. Deixei. O primeiro dia é deles. Depois não, que eu hei-de nomear os guardas, dos mais gulosos, para vigiarem os frutos.

Todos gostaram. Os próprios garotos detestam o ambiente da cidade. Adoram a vida bucólica, o ar puro dos cumes e das serranias, a paz dos arvoredos e as suas músicas.

O nosso *Lavrador* ia perdendo o tino. Percorreu a quinta num instante e depois pôs-se a combinar o seu plano com o quintaneiro. O *Zé Lavrador* tem apenas 13 anos mas é já um homem de muito juízo.

Agora estamos todos desertos pelo dia da mudarça. Já não apetece fazer nada cá em baixo, as nossas atenções estão todas concentradas lá em cima, onde as primeiras sementes já estão a germinar.

Os nossos Rapazes, desejam aos

Do que nós necessitamos

Não venho aqui dizer dos presentes que de toda a parte nos têm despedido pelo correio e tarifas do caminho de ferro. Não venho aqui dizer do número de encomendas postais dos continentes de África e América as quais, tendo sido enviadas por portugueses, falam português. Dizer da entrega dos donativos no Lar do Porto, seria tornar-me extenso. E se fossemos ao *Espelho da Moda*, era preciso um jornal da dimensão do *Times*. Oh caudal!

Como já por muitas vezes se tem aqui dito, tornamos hoje a repetir; ninguém fique na dúvida se sim ou não recebemos. Estamos na posse de tudo. Ele é verdade que nem tudo e nem sempre se menciona. Não acusamos a recepção. Não passamos recibo. Não publicamos nomes. Somos a Caixa de Esmolas. Porém nada disto afasta donativos nem enfada doadores. Se endereçam à Casa do Gaiato, tudo lá vai dar; não importa como, quando, por onde ou por quem.

Mais 2 contos do Porto. Mais 50\$ de Lourenço Marques. Mais 100\$ de Lisboa. Mais 500\$ de Tomar. Outro tanto de Pinhanços. Mais 200\$ de Lisboa. Mais 500\$ de Gramaços. Mais 5 contos do Porto. Mais 100\$ idem. Mais 150\$ do assinante 1.866. Mais 20\$ de uma *funcionária dos C. T. T.* do Porto. Mais 50\$ de Quelimane. Mais 150\$ de Algures. Mais 100\$ do Porto. Metade de Sangalhos. Mais 20\$ de Lisboa para o jantar de uma doente pulmonar. Vê-se aqui a intenção. É um doente que fala! Mais 200\$ de Lisboa. Mais 20\$ de Braga. Outro tanto do Porto. Mais 100\$ de Leça da Palmeira do que me faz falta. Eis o tipo de esmola que enriquece ao que a dá e alegra quem a recebe. Mais 100\$ de Angola da *Nélita*. O estudante de Lisboa torna com 200 escudos por doação de sangue num hospital da Capital. Digo torna, porque mais vezes o tem feito. Este e outros. Quanto lhes não há-de custar receber dinheiro e ainda por cima, segundo julgo, passar recibo—quanto! Aqui há tempos, fui convidado por um Posto Emissor, para receber dinheiro de uma palestra ali feita. Logo me acudiu ao pensamento o caso destes generosos. Estranhei e não fui. Não vou. Não quero. Falar do que se sente é dar sangue. Este não se paga. Sangue por sangue. Mais 20\$ de Peniche. Mais 50\$ do assinante 27.051. Mais o dobro de Coimbra. Mais 80\$ de Torres-Novas. Mais 128\$50 de uma subscrição na avenida da Boavista. Mais 1.500\$ de Lisboa. Mais 30\$ de uma *portuense*. Mais 1.000\$ de Lourenço Marques. Mais 100\$ de Lisboa. Mais outro tanto de Vila Henrique de Carvalho, Angola. Mais quatro ceiras de figos da Foz. Mais 50\$ de S. Ovídio. Mais dois sacos de farinha para galinhas. Mais 20\$ do Porto. Mais 50\$ do casal M. D. de Lisboa. Mais 1.000\$ da mesma terra de um *Fulano*. Gosto desta designação por ser do próprio. Gosto. Do

seus irmãos Gaiatos do Continente e a todos os nossos leitores, um Ano Novo muito feliz.

milhão que ali rodopia, vai um *Fulano* ao correio, manda um vale para aqui e acabou. Mais 300\$ do Porto. Mais 50\$ de Algures. Caixas de vinho do Porto das Firms que todos os anos o fazem. Oxalá continuem! Bacalhau de Aveiro. Mais 500\$ de Francelos. Mais 50\$ do Porto. Mais o dobro idem. Mais metade de Mortágua. Mais um cobertor de Loriga. Mais 100\$ de Cabul, Angola. Mais 200\$ de Vila Luso. Mais 300\$ de Matadi, Congo Belga. Mas ele haverá sítio no mundo descoberto, aonde o *Gaiato* não arme *desordens*? Mais 300\$ de Coimbra, do meu primeiro ordenado. Mais *desordem*...! Mais 100\$. Mais 500\$ de Lisboa de uma *pecadora*. Mais 50\$ do Porto. Mais um conto de Lisboa. Mais vinte dólares do Porto. Mais 40\$ idem. Mais 500\$ idem. Mais 5 contos de Lisboa. É um pai resignado. Mais do que resignado, mais do que conformado; fora e acima de todas estas palavras, queira alegrar-se: Deus é justo em todas as suas obras. Mais 200\$ da Elvira de Lourenço Marques. Mais mil ditos de Lisboa. Mais metade de Lourenço Marques. Mais 50\$ de Recardães. Mais o dobro de Lisboa. Mais quinze contos de Lisboa. Mais 500\$ de Vila de Manica. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 300\$ do Seixal. Mais 120\$ de Lisboa. Mais 250\$ do Porto. Mais 100\$ de Lafões. Mais 300\$ de Monchique. Mais 20\$ de Ermesinde. Mais 500\$. E mais 100\$ de Dundo, Angola. São donativos do meu *filhinho Paulo Mariano* e de D. Maria João. Mais 1.000\$ de Lisboa. Mais cinco contos de um visitante. Mais 1.000\$ de Lisboa. Mais uma peça de fazenda da Covilhã. Mais cinco contos do Porto. Mais do Porto, 115\$ produto duma subscrição tradicional dos associados da *Caixa dos 20 Amigos e Colegas das Aguas e Saneamento*. Mais mil Avanca. Mais 250\$ Sindicato E. Escritório. Mais 50\$ do Porto. Mais 20\$ de Esmoriz. Mais 500\$ da Maria de Lisboa. Mais 190\$ da Zaida da cidade da Beira. Que calor! Mais 100\$ do Helder de Lourenço Marques. Que calor! Mais 500\$ de Dundo. Mais 500\$ do Porto. Mais 6 contos de Lisboa. Mais 300\$ do P.º Rezende. Mais 50\$ de Gaia. Mais 20\$ de Setúbal. Mais 200\$ da Rua Santa Catarina, Porto. Mais 100\$ de Gaia. Mais 50\$ da Sofia de Lisboa. Mais 10 metros de pano de sobretudo e uma pancada de cortes para fato. Mais 40\$ de Lisboa. Mais 300\$ depositados num Banco do Porto. Mais coisas de uma mãe de Lisboa. Mais 50\$ da Adelina de Lisboa. Mais este poema de Coimbra:

«Os 50\$00 que vão juntos são migalhas poupadas nos transportes. Pagam-me a primeira classe e eu, quando posso, vou na terceira e aferrolho a diferença. Para mim não me parece correcto guardá-la; mas para os pobres é outra coisa».

Mais 100\$ de um professor de Argoncilhe. Mais 20\$ do Porto. Mais 200\$ num Banco do Porto. Mais 100\$ de Lisboa. E mais nada.



TRIBUNA DE COIMBRA

A época de Natal é para todos uma prova bem evidente da existência e providência de Deus. É a revelação do Seu Amor que se especifica em Caridade.

Não acreditamos que haja ateus práticos. Teóricos, sim; homens que se queiram convencer que não há Deus, muito bem; mas homens de carácter que não sintam a necessidade da existência dum ser superior, não.

O tempo de Natal é bem uma prova desta verdade. Todos celebram, todos comemoram o Nascimento do Filho de Deus. Dão disso testemunho aquilo que nesta altura chega até nós e aquilo que sabemos passar-se por esse mundo fora. Ninguém fica indiferente a este Mistério que passa.

Jamais houve na História um facto que tenha assim vincado o seu acontecimento. Marcou uma época. Porquê? É a revelação de mais um Mistério. Mistério de Paz, de Alegria, de Amor. Se não fosse um facto sobrenatural, teria caído no comum dos outros. Mas,

Notícias da Conferência

da Nossa Aldeia

A abrir uma carta que, entre outras quantias, destina 20\$00 para os nossos pobres. Maria Leónia R. Ferreira com 20\$00. Assinante 25.209, 20\$00 e mais 20\$00 de sua Mãe. Descanse que aqui recebe-se tudo. Penna Peralta, de Aveiro, 5\$00 por alma da minha esposa *Julieta*. F. Tojal, de Lisboa, 10\$00. E 12\$00 dum assinante da Cova da Piedade. Mais o n.º 11.987 com 20\$00, 25\$00 do n.º 25.562. Com 100\$00, Manuel Carvalho, Albino Castro, 20\$00 por alma de minha sogra *Madalena Prazeres*, de *Fânseres*. Num envelope 50\$00; é do Porto. Igual quantia de Luis C. Silva. Para uma pobre viúva 50\$00, de Maria H. F. Gomes. José de Miranda Júnior com 20\$00. Cecília Cardoso, 50\$00. De Leonil Vargas Pinto, 50\$00 por alma de minha querida Mãe e 50\$00 pelas melhores de um menino de 9 anos que não andava e que já var dando uns *passinhos sózinhos*. Da Murtosa, assinante 13.348 110\$00. Cândida Campos Silva, 50\$00 para que possam melhorar a ceta de algum Pobre. Benigna Rangel 30\$00. Do Estoril, assinante 9107, 20\$00. Doutor José de Paiva Boléo, 20\$00. Emília Soares, de Setúbal, 50\$00. Da conhecida *Vísinha do Marão*, 100\$00. Quem dera que venha mais vezes. Do Marão aqui é um ápice. Maria da Silva mandou 20\$00. Um assinante de Gaia, com o n.º 21454, 50\$00. Atenção África! A. Sobrinho, de Vila Teixeira de Sousa, 300\$00 para os pobres mais necessitados. Ilhavo com 20\$00. De Monção, o Snr. Dr. Armando, enviou 70\$00 para a beneficência dos *Vicentinos de Paço de Sousa*. De Monção, demos um pulo a Mirandela e temos o assinante 4903 com 50\$00 para o Natal de uma família pobre. Assinante 1.371, outro tanto. Mais África; assinante 22971, de Luanda, 100\$00. De Castelo Branco, Maria Lopes Dias, 5\$00. E por fim, do Porto, 200\$00. A todos um muito obrigado e não se esqueçam, pelo ano fora, dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

não; este prevaleceu. É a vinda a este mundo do Filho de Deus.

Vamos contar os presentes que O acompanharam:

Setenta escudos para as Colónias e 30 duma promessa, deixados no Castelo; mais no mesmo sítio solas e cabedais da Fábrica de Curtumes; um embrulho de roupa para a Conferência, lá também; 20 no Castelo da Alta para a Conferência. O Manuel e o José do Castelo queixam-se que agora quase ninguém ali vai deixar e barafustam e querem que eu faça o mesmo. Mas eu que hei-de fazer?...

Castanhas; 120 a pedir 3 Missas e com pena de não poder dar mais; um Pai que foi ao Lar entregar o primeiro ordenado de sua Filha professora primária. Grandeza de Pai e de Filha! Flanela e pano da Figueira, de quem está doente; os costumados duzentos de Coimbra que tanto jeito fazem sempre. Quinze à mão, na sacristia da Sé Nova; 100 de Oliveira de Frades, numa carta; 20 pelo bom resultado do exame de um filho; trinta camisolas da Milena. Oh que primor! Eu não sabia que em Coimbra se fabricava coisa tão boa! E tenho conhecimento que esta casa deu nesta altura milhares delas aos pobres. Que consolação! Honra lhe seja feita!

Uma peça grande da Covilhã. Todos os anos vem e nós bem a esperamos. No momento em que ela chegou a Senhora dividiu-a em 14 cobertores e ficamos outra vez sem nada. Muitos medicamentos de Castelo Branco e de Coimbra; camisolas de lã feitas à mão e uma a dizer que era para mim. É pena ter ficado curta, que me fazia tanto agasalho. Foi para o *Faisca* que me não deixou enquanto lha não dei. Um embrulho de livros e um estojo; uma peça de flanela no estabelecimento de Leitão & Carmo; 100 dum Senhor que está muitas vezes no ano e foi dos primeiros; outra vez a Mãe de Ilhavo com muitos retzinhos; 100 duns noivos a quem assisti ao Matrimónio; 50 à mão, dum empregado.

Quando eu cheguei à noite ao Lar já tudo sabia: foi uma senhora que entregou a um vendedor para me entregar seis notas de mil e quatro de quinhentos. Dois actos grandes: o primeiro o de confiança num pequeno vendedor, filho de uma mãe que está numa casa de prostituição; o segundo de generosidade. 50 da Mocidade Portuguesa do Liceu de D. João III; 100 do senhor Doutor da Figueira que nos confunde de dedicação; roupas e sapatos a um vendedor; batatas do armazém Barbosa & Sobrinho; muitos brinquedos do Bazar do Porto; um pipo de vinho e coisas para a consoada da Mãe de *Iábua*s; batatas e mais da terra onde nasci; 50 duma ignorante a pedir as Benções de Deus. 100 da Maria Helena e Maria Isabel com votos de bom Natal e Ano Novo; massas e bolos e farinha das Fábricas Triunfo; uma peçazinha de fazenda da Covilhã. Eu queria lembrar aos afamados fabricantes desta cidade que muito confiamos e esperamos deles; 1.000 da Confraria da Rainha Santa. Impressionou-me bem o destino que dão aos seus acréscimos. 300 da União de Grêmios; 200 da Pampilhosa da Serra

(Continua na terceira página)

AGORA

Nunca julguei estar-me reservado o andar de porta em porta pelas ruas da cidade a ver se obtenho o necessário para pagar encargos do Bairro de Miragaia; encargos da cidade do Porto! Em regra é um comerciante, sou eu e é o Júlio. Com bina se previamente e às horas estamos. O Júlio, quando vê que é preciso, dá-me uma palavra de coragem: *Não desanime. Isto é vitalidade. Retiremos esta gente do letargo*, diz ele. Eu admiro no rapaz estas expressões e com elas, mais animado, levo as ruas ao fim.

Ainda estamos muito longe, sim, mas esperamos saldar as contas e não ficar a dever. Até então, continuemos com um donativo de Tondela de 300\$00. Outro de 100\$ do Porto. Da mesma terra 150\$00. Mais 100\$ de Braga. Aqui vão duas licenciadas que vivem em Ovar com 100\$ para a *Casa dos Licenciados*. Gosto deste e de semelhantes desejos. Quase todos os dias aqui recebemos alvitres. Ontem foi um agente da *Oliva*, sugerindo que todos eles e a *Fábrica* também, poderiam oferecer uma casa. Gosto destes desejos. Ainda que se não vá além eles ficam sendo pelo tempo fora a chancela de uma obra que morde e faz doer. Outro licenciado de Lisboa com 50\$00 num vale.

Mais chancelas. Eu, até, para dar realce, deixo ir na procissão de hoje as Escolas Superiores da Capital:

«Pedimos que nos perdoe, virmos roubar-lhe algum tempo, mas pensamos que será útil ao Património o que vamos dizer. A Campanha nas Faculdades de Letras continua, mas vai muito devagar. Há quase um ano que a começámos e temos só 2 contos. Estamos um pouco desanimados, porque isto não vai como esperávamos. Entristece-nos que haja entre os novos tão pouco entusiasmo pelas coisas grandes. O que falta é juventude e sem esta também não

Tribuna de Coimbra Continuação da segunda página

a pedir 3 Missas. Tenho pena de não poder publicar a carta; roupinhas e 20 dum Pai de Coimbra, cujos filhos de 7 e 8 anos discutem a posse do «Gaiato» quando ele chega. Que há-de ser quando forem grandes!

Muitas coisas duma mercearia de Coimbra; 50 duma senhora a quem um dos nossos chama Mãe; 50 para uma telha; muitas roupas e sapatos e duas cartas com 150 duma boa esposa de Coimbra. Peçamos a Deus que atraia a si o seu marido; 60 de Angola; e 100 da Casa da Índia de Lisboa; 500 da Auto-Industrial para o jantar do Natal; 100 da Sociedade Nacional de Sabões; duas dúzias de camisolinas interiores da Empresa Fabril de Malhas, de Coimbra; 40 quilos de bacalhau, oferta pessoal de alguns armadores; roupas dum Sr. Doutor Deputado que todos os anos vem com a família no dia de Natal.

500 do amigo número um de Coimbra; um senhor de Coimbra que mandou a sua casa buscar roupas; 50 dum conimbricense, do Porto, para a Conferência; 50 por alma duma mãe extremosa e exemplar; 500 duma devota de Nossa Senhora de Fátima na passagem da sua Imagem por Coimbra. Ela quer que seja Nossa Senhora a dar.

Padre Horácio

há generosidade. Queríamos que todos vibrassem. Pedimos-lhe que reze na sua Missa para que a semente lançada aqui, entre nós, frutifique como nos outros lados.

Alegrou-nos imenso sabermos que no Instituto Superior Técnico também se batalha já para o Património, e gostávamos de entrar em contacto com os nossos colegas interessados pela Obra. Mas como o Técnico é muito grande, e um dia que lá fomos não conseguimos encontrar ninguém, lembrámo-nos de que talvez por intermédio do «Gaiato» isso fosse possível. O Sr. Padre Américo faz-nos o favor de dizer no «Gaiato» que se dirijam eles a nós, que é mais fácil encontrarem em Letras alguém empenhado na Campanha.

Também lhe queremos pedir que lance no «Gaiato» a ideia de cada Faculdade começar desde já a juntar dinheiro para a construção duma casa, em vista a um Bairro da Universidade de Lisboa. Nós vamos escrever para as Conferências de São Vicente de Paulo, direcções da JUC, associações Académicas, etc., mas queríamos que nos secundasse. A ideia partindo do «Gaiato» tem mais força.»

No princípio de tudo está o desejo. Depois vem o querer. Finalmente a Obra. O resto consta da carta — *pedimos-lhe que reze na sua Missa*. Também eles, condição *sine qua non*. Mais 25\$00. Ora agora queiram fazer o obséquio de se afastar um nada e deixem passar Lisboa. Uma *mãe de nove filhos* que ali mora, leva na mão quatro contos, a primeira prestação de uma casa.

P.S. — Agora noto que talvez não seja de Lisboa esta mãe heróica, e que somente o vale ali haja sido emitido. Gosto de ser exacto. Mais espaço, por favor. Agora é o Porto.

«Embora com algumas dificuldades e demorando mais do que nós queríamos, a nossa Casa do Património dos Pobres, começada há 2 anos, há-de erguer-se.

Juntamos 3 contos que com outros 3 já entregues, chegamos a meio do caminho. Faltam 6 que faremos todos os esforços para entregar no prazo de um ano. Nós sabemos da miséria e das necessidades dos pobres e não queremos que a nossa dívida demore muito tempo a saldar.»

De tudo quanto aqui se diz, apenas sabemos que se trata de *de um pecador*, como vem na carta. Chamô à atenção de todos para a maneira singular como ele se diz um devedor e quer saldar a dívida porque sabe da miséria e das necessidades dos pobres! Mas isto é do melhor. Oh! procissão! Agora vejam a atitude e palavras de um *médico desconhecido*. Tenho pena de não saber a terra por já não ter o carimbo da carta.

«Junto envio, para a Humaníssima Obra o produto monetário da primeira consulta feita no meu consultório.»

Mais 50\$00 de Coimbra. Mais cinco dólares de Lobito. Mais 100\$ que são os meses de Novembro e de Dezembro, vindos de Matola Rio, ao pé de Lourenço Marques. Ao lado vai Luanda com 50\$00. Um nadinha ao largo vai alguém do Porto com duas casas. Deixem passar.

Começando a procissão a recolher, eis que se apresenta, esbafo-rida, uma senhora de Lisboa com



Já há muito que aqui não venho, mas vou lá. Não passa uma semana. Se não eu, padre Carlos ou a senhora da cozinha ou a senhora da rouparia. Nós não podemos faltar quer neste quer noutros *barredos*. Se é padre Carlos que vai, o povo diz — *é dele*... Se as senhoras, o povo diz — *são dele*. De sorte que, mesmo que não vá, vou.

Desta vez levei na minha companhia um rapaz do Seminário dos Olivais. Anda no segundo ano de teologia e mantém suas vistas a respeito da Obra da Rua. A tarde era fria e enevoada. Antes de darmos entrada e ainda nas ruas da cidade, ele viu de como senhores se dirigiam a mim e davam quantias de dinheiro. Ele viu. Gostei muito que assim tivesse acontecido. A fé, além dos ouvidos, também entra pelos olhos. A primeira visita foi a um sexto andar. Ele tomou conhecimento de como vive quem ali procurávamos. São cinco escudos por dia. Era um quarto interior. Tudo isto nós conhecemos e nem tornaria a dizê-lo se não fosse o querer dar à estampa o semblante do meu companheiro, enquanto observava e ouvia. Era a dor! Descemos e eis-nos noutro lugar. Enquanto subíamos degraus defeituosos e a ranger, ouvia-se: *mas isto é incrível*. Era o meu companheiro. Palavras fundas, abafadas, quase silenciosas. Via-se que ele tomava a sério a lição daquela tarde. Estávamos agora no quarto da incurável; tão pequenino que eu houve de me sentar no catre e ele ficou de pé. São cento e cinquenta mil réis por mês. Mais espanto na cara do seminarista. Ao longo da incurável, viam-se duas criancinhas de meses. A doente toma conta delas por cinco

tostões diários, enquanto as mães labutam. Creches do Barredo! Conheço mais casos destes. Outras incuráveis dos becões e das vielas, ganham o seu pão ajudando outros a ganhá-lo. Aqui é o maior compêndio da cidade do Porto!

Outra vez na rua por sob os Arcos da Ribeira. Tinha passado a palavra; *ele anda aí*. Mais degraus carunchosos. Vizinhos abrem a porta de candieiro na mão; *não cara*. Entramos num quarto. Ali são sete e quinhentos por dia! O doente era homem do rio. Há muito que nos conhecemos. Venho acompanhando o seu fim. Faz por erguer a cabeça do travesseiro, mal me vê entrar e não pode. Toma e estreita a minha mão. Com a outra esfrega os meus dedos, agitada. Quer falar e não pode. Sinto a sua mão sobre a minha. O meu companheiro está. A lição daquela tarde continua. Lição de teologia, — a Ciência de Deus. Durou minutos a atitude do doente, até que por fim se desprende. Foi o seu testamento! Tinta? As suas lágrimas. Papel? As nossas duas mãos. Testemunha? Um Seminarista dos Olivais.

Nós sabemos que dentro dos seminários vão-se esboçando *desordens* entre os novos. Há tempos, num combóio, alguém surpreendeu dois seminaristas; *hoje não nos satisfaz o serviço paroquial. É preciso mais. Temos de fazer mais*. Alguém os surpreendeu. Eles falavam alto. Naquela hora, a locomotiva daquela composição, não transportava só homens; iam também ideias. *E' preciso mais*.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Passamos mais um natal cheio de alegria e animação. A festa foi mais completa que os anos anteriores, pois consoaram connosco os nossos irmãos do Lar do Porto. Enfim, foi um Natal muito lindo e por agora só temos que agradecer ao Deus Menino, por nos ter dado tanta felicidade e que nos dê esta sua alegria, durante as restantes caminhadas desta etapa da vida.

A festa começou no dia 24, por volta das cinco horas, altura em que fomos tomar uma banhoça em água quente — pois no nosso balneário no verão toma-se banho em água fria, mas no inverno é em água quente — e hora em que também começamos a chegar os nossos colegas.

Os trabalhos da cozinha começaram três dias antes, com a ajuda de duas senhoras da família da senhora da cozinha, do nosso chefe, que para estas coisas é um «água» e ainda do senhor Padre Carlos no primeiro dia.

Era esta gente toda, mas mesmo assim tiveram de fazer serão. De contrário, estragava-se o estrugido, pois muita gente teria de ficar sem rabanadas...

Outra coisa ainda: íamos ficando sem bacalhau, pois o José Rocha ia pondo o bacalhau de molho em água suja. Já o avisamos para ter mais cautela e ele assim faz, senão a malta cai-lhe em cima e é o cabo dos trabalhos...

Às seis e meia foi o nosso terço, acabando às sete e às sete e meia começou o tão desejado jantar, que como sempre decorreu no meio de grande vibração, como vem sendo hábito nesta casa. O prato com batatas, bacalhau e tronchuda a fumerar, as rabanadas quentinhas, o pão de trigo, a aletria, o vinho.

A servir as batatas, estava o Foz, que é o cozinheiro-mor; o Caminha, bacalhau; o azeite, o nosso

14 deles. Tanto disse que não houve remédio senão deixá-la entrar e cá vai. Tem um hotel na Rua Augusta com porta aberta aos p.p. da rua e mesa posta. Sim senhor; a sua casa será como desejava. E até quando eu for a Lisboa.

maior, António Sérgio, a servir os mais chegados os que tinham menos mandavam pedir mais, trocas praqui, trocas pracolá. O Cândido Pereira, nosso chefe, *afinado* por se estar a fazer muito barulho e o que eu agora não me lembro. Ao fim do jantar, Pai Américo deu um cigarrito aos maiores, afim de não fizeram rogados e toca a fumar. Tinha piada, pois alguns pareciam uma autêntica chaminé... Acabado este, fomos para o nosso salão de festas, afim de assistirmos a mais um espectáculo apresentado pelo nosso grupo cénico, que tem como orientador o Rev. Senhor Padre Carlos.

Este espectáculo foi fraco, pois começamos a ensaiar tarde, tendo só tempo para ensaiar a comédia em um acto: «Os três da vida airada» e também por culpa de vosso amigo, que por esse motivo não se nega em dar a mão à palmatória. A peça saiu, assim assim. O que valeu foi o orfeon, que comandado pelo *Sejaquim*, executou lindas árias. Também não faltaram os cantores: *Manel Bucha* e *Ramada*, que se saíram muito bem. Também se recitaram poesias por intermédio do nosso barbeiro Machado e do Ramada, tendo o Arnaldo Pacheco recitado um monólogo que se intitulava: «O menino boateiro».

O espectáculo terminou à meia noite e daqui fomos direitinhos para a nossa capela, para assistirmos à Missa do Galo, celebrada pelo nosso Pai Américo, coadjuvado pelo senhor Padre Carlos e pelo Rev. pároco de Ordina, senhor Padre Aires, que também veio consoar connosco.

Como nos anos anteriores, a missa foi cantada e para isso trabalhou o *Sejaquim* que teve de ensaiar a «Missa dos Anjos».

A capela estava repleta, pois veio muita gente de fora para assistir ao nosso espectáculo e à Santa Missa.

Na altura própria, ou seja ao Evangelho, falou e que bem, o senhor Padre Aires: «Depois de baterem à porta de inúmeras estalagens e casas de gente rica e sem que ninguém lhes abrisse a porta, S. José e Nossa Senhora caminharam em direcção a um dos lugares mais humildes de Belém, onde numa manjedoura viram nascer a Luz do Universo. E que Luz! Tão forte que a Ela nenhum ser humano resiste! Todas as criancinhas que

(Continua na quarta página)

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Damos aqui o retrato do primeiro filho do António carpinteiro, chefe da nossa oficina, hoje casado. Como ao tempo foi dito, deu-se-lhe uma casa para viver, terreno para cultivar mimos, salário adequado; por tal forma que a família constituída, pode suportar preços de produtos Nestlé, responsáveis pela beleza incomensurável desta criança. Não a damos aqui por reclame, mas sim com dor. Muita dor, sabendo que lá fora, aonde o mundo é diferente, filhos de rapazes que foram nossos, não gozam o leite das mães nem estas lhes podem comprar o alimento adequado. Outra vez grande dor por saber que além e acima do diminuto número de rapazes nossos postos nestas circunstâncias, temos as legiões de mães famintas para não usar a ironia oficial dos economicamente débeis. Ontem foi o dia em que uma aqui veio ter. Esta e as mais casas do Gaiato, são a casa de S. Vicente de Paulo. São agora. É preciso que sempre o sejam. No dia em que deixassem de ser, era a morte de todas elas. Pois chegou aqui, como dizia, uma pobre mulher com seu filho ao peito. Ele era tal, que ela bem o pudera colocar na palma da sua mão! Pergunto-lhe se vinha em jejum. Vinha sim senhor! Pergunto se o filho também. A mãe retira do seio um biberão com um líquido repugnante à vista e explica: *comprei um nadinha de leite e botei-lhe café pra fazer mais.* Disto não faz a empresa Nestlé. Isto não produz sorrisos. E contudo, na verdade, a maioria das mães portuguesas são levadas a enganar seus filhos de peito, fazendo leite do café!

*** Hoje de manhã e no regresso da capela, entro na cozinha por o meu café. Nada me sabe tão bem como aquela hora, aquele sítio, mais aquela refeição. *Manel Pedreiro* estava operando dois buracos na parede, muito bem centrados, entre a porta da copa e a da despensa. Os das oficinas de ferreiro, haviam produzido duas cantoneiras de ferro. A senhora da cozinha, tinha reservado uma placa de mármore branco e adquirido por compra, duas jarras de preço. Ia ser colocado um crucifixo. Tudo isto me informaram quando eu perguntei ao Manuel por que é que furava a parede. Tudo isto ia ser, sim, mas não foi. Eu dei ordens em contrário naquela hora do café. Tivesse eu consentido e certo é que no dia seguinte e na mesma superfície do altar, haviam de aparecer, coladas na parede, as estampas de atletas e outros ases da predilecção dos cozinheiros. Eles agora são quatro; o *Foz*, o *Rocha*, o *Benardino* e o *Russo*. Cada um tem os seus. Ora agora temos ali somente a cruz. Nem mármore, nem jarras, nem flores, nem nada. A cruz para ser ela, quere-se nua e crua.

*** Zé Eduardo tornou. Agora não é por doença. Deram-lhe dois dias no quartel e ele veio até cá. Por causa do frio, não costume ir agora ao refeitório; vem ele até onde eu estou, fagueiro, esperançoso, pés de veludo. Fala da abundância do seu coração. São os vinte e dois e tudo quanto lhe diz respeito... De forma que, em pequeno, por muito irrequieto, far-

tei-me de o aturar. Hoje, grande, por enamorado, farto me de o aturar. Até quando meu Deus? Por que caminho hei-de eu sair daqui pra fora?

*** Aquando da remessa dos cobertores e tendo eu notícia de ir por eles a um armazém de Gaia, franzi o semblante. Gaia? Mas ali são armazéns de vinho e só isso! Contudo fui, guiado pelo nome da firma, rua e número da porta. É no Almirante Reis, quem sobe, à direita. O que eu descobri! Que sortidos! Que gente!

Na hora da despedida, chega o dono e o que já me parecia grande, tornou-se agora maior. Era ele. Faz o preço de custo e por ele se paga. De maneira que, dentro dos cinco contos, em lugar de 50 trouxe para casa 68 magníficos cobertores de lã! Mais. Um lote de 12 chailes que eu havia escolhido e estavam ali sob o balcão, deu-mos por nada! Gaia. Vila Nova de Gaia. Com outros olhos te vejo.

*** Assim como nos mais, também este ano se fez aqui ouvir a voz do nosso amigo Magalhães Costa, da Beira, e do António Prata. Corria voz na aldeia da chamada prévia. *Beira a chamar pela gente.* E chamou. E nós escutamos. Se por boas linhas, se por bom tempo, se porquê, o certo é que nos parecia ser fora da porta, a voz de tanta distância; dois mares!

Na pessoa de Magalhães Costa, desejei um ano cheio de venturas a cada habitante da cidade. E tendo-o ouvido dizer *vou passar o auscultador ao António Prata*, é este quem me fala imediatamente. Tantas milhas de distância! Tão perto dos corações! Ouvi-se o respirar! Júlio estava ao pé. Disse ao Prata que ligasse para o Chinde e para o Luabo, aonde estão outros. E assim se consomem os meus anos. É o coração que nos mata!

*** O Armandito de Penafiel, que é da classe dos *Batatas*, de formoso alegre e saudável que é, enche a nossa aldeia. Ninguém como ele, para dar um recado. Hoje, dia de visitantes por ser domingo, na maré em que um grupo se dirigia ao seu carro, o Armandito pede que lhe mandem um rapa. *Quando chegarem a casa mandem-me um rapa.* Tanta graça teve o seu dito, que um dos presentes tirá do bolso o canhenho e assentou. Vamos ter aqui por certo uma chuva de rapas.

*** O *Formiga* teve aqui uma temporada de grande tristeza. Foram as galinhas. Tiraram-lhe a obrigação das galinhas. Eu também andava triste. Nunca mais vi pintalhões em cestos. Nunca mais notícias dos patos. Dos gansos nada sabia. Tinham-se acabado as disputas à roda da grande mesa de pedra fora da porta da cozinha, aonde estão rimas de couves e outros vêm por elas para seus coelhos e seus gados e o *Formiga* arremetia. *Que não. Vai-te embora. Daqui não levás nada. São prá galinhas.* Tudo isto, que é justamente o que mais importa, tinha acabado! Mas eu não me queria intrometer. O meu rosário, hoje, é doutras contas. Ora acon-

tece que *Formiga* acaba de ser reconduzido. Tornou. É ele de novo. Já me veio comunicar que as suas galinhas põem mais e andam muito contentes.

*** O Pimenta Teles escreve-me de S. Paulo a comunicar uma remessa de dinheiro para a *nossa Obra*, que também é dele. Na carta fala de sua mulher e diz que ela disputa e vence, sempre que o *Gaiato* aparece na caixa do correio. Ninguém primeiro. É ela. Os brasileiros são irmãos dos portugueses. A mulher dele é paulista. Outra notícia mui grata é esta: *já sou sócio da casa.* Não repugna acreditar e até tenho por certo que alguns dos nossos hão-de vir a ser donatários importantes da Casa que lhes foi berço e mãe. *Já sou sócio.*

O tempo dos profetas ainda não terminou. Foi dito que viriam dias em que nós havíamos de recusar quintas. Já vieram. Foi dito que viriam dias em que nos haviam de pedir para recebermos casas do *Património*. Estão vindo. Hoje dizemos que virá o tempo em que rapazes da Obra da Rua hão-de ser esteios. Virão.

*** O *Zé Poveiro* hoje em Porto Alexandre na Conserveira do Sul de Angola, ao dar-me a notícia da sua chegada, acrescenta que o patrão lhe entregou as chaves da oficina. Assim fez antes, no Lobito, ao Adriano, o patrão senhor Albano Coelho. Se nós formos a meditar no que estes rapazes viriam a ser, entregues a si mesmo, encontramos nestas notícias sabor e alegria. Um homem de bem é sempre e em toda a parte um tesouro. Estamos certos de que estes dois, só porque mereceram a entrega das chaves, hão-de chamar outros dois.

*** Nunca falei aqui dos nossos que andam na tropa a não ser como episódio; nunca falei. Hoje sim. O Constantino saiu com louvores na sua caderneta, sendo mais de apreciar o recado que ele me trouxe de queos seus superiores gostariam muito que saísse no *Gaiato* o quevem na caderneta! Isto é muito importante.

O António Teles, saído agora do quartel de Quelimane, comunica-me que o *louvor na caderneta excedeu a minha expectativa*. Mais me diz que viu lágrimas a bailar nos olhos do seu Comandante e termina: *se bocados maus tive, esqueci-os todos.* Quem havia de dizer que os homens de aço também choram e tais lágrimas fazem esquecer aos soldados horas azedas na vida do quartel! Os rapazes que por lá temos já são tantos, que falar de todos era encher este jornal. Porém, não me furto ao louvor do Fernando Brilhante. Ei-lo:

«Louvado pelo Ex.^{mo} Comandante da E. P. I. com 10 dias de licença nos termos do art. 107º do R. D. M., porque andando em passeio numa das ruas desta vila em companhia de um seu Camarada, atraído por gritos de dor, prestou com aquele humanitária assistência a uma família cujo chefe sucumbia nesse momento a uma grave e infecciosa enfermidade, levando ainda, a sua piedosa acção a amortilhar e a velar o falecido, o qual, embora não conhecesse, fora um cabo artifice

desta Escola, atitude que ficou devidamente registada pelas pessoas presentes e que me apraz premiar por constituir exemplo de amor do próximo. (O. P. n.º 171 da E. P. I. de 19-6-1952).»

O seu Comandante não pode dizer a ninguém que não é discípulo de Jesus. Porquê? Porque, tal como o Mestre, prega ao mundo a parábola do bom samaritano.

Sim. Falar de todos era encher este jornal. Mas não podemos passar sem dizer a verdade toda. Se contra, se a favor, nós temos de falar. É que como são muitos os que por lá andam e muitos mais os que hão-de ir, sabemos de alguns que estão a cumprir pena por delitos cometidos nos quartéis! A nossa Obra é de homens. Está tudo dito.

*** Hoje de manhã era tudo neve. *Caraças* vem ao meu quarto, ajeta a roupa da cama, enquanto exclama, amoroso—*não se levante que está muito frio.* Fiquei muito contente e determinado a cumprir; era aquilo precisamente que eu desejava. O pior é que mal ele saiu a porta e sem saberem um do outro, o Ramada bate e abre. Ele é o meu actual ajudante de missa. Muito esguio, cabelo farto, sobretudo até acima, olha-me na face: *então?! O remédio foi er-guer-me.*

Eis aqui um mundo a dar lições: quando cada um faz o que quere, ninguém faz da mesma sorte. *Caraças* diz que sim. *Ramada* que não. Porquê? Porque ambos têm liberdade de dizer. Ambos disseram bem. Ambos foram levados por um sentimento honesto. A todos quero e todos eles me querem.

*** O Antoninho está sendo meu cada vez mais. Não me traz o jantar que não vá imediatamente pelo seu e come ao mesmo tempo. Comemos ambos. Ainda não se atreveu a servir-se na mesa que eu uso; é sobre uma que está perto. Também ainda não se atreveu a tomar uma cadeira à sua conta; come de pé. Mas já é muito que ele o faça ao mesmo tempo e pertinente de mim. Antes de começar, o Antoninho oferece-me a sua colher e pergunta se eu quero: *prove.* Eu também lhe ofereço a minha e digo—*prova.* Não provamos, mas comemos ali perto cada um do que é seu. A verdade das coisas está aqui. Se os homens não estragassem, o mundo era isto. Quem o diz? Esta Criança.

Pelas Casas do Gaiato— *Cont. da pág. anter.*

nasceram naquele tempo, também foram sacrificadas, por causa da ganância do rei Herodes, mas foram para o seio de Jesus.

No dia 25, sábado, (também tivemos um almoço melhorado: sopa de cenoura com feijão, arroz com carne, vinho e bolo-rei, servido por um casal amigo do Porto, que todos os anos vem almoçar connosco.

À tarde, os nossos irmãos do Lar do Porto, jogaram com os nossos rapazes, tendo vencido mercendentemente por 5-3.

O nosso grupo estava muito desfalcado, mas mesmo assim é de admirar a vitória dos nossos colegas, pois são sensivelmente mais fracos.

Dos nossos não se destacou um e do Lar do Porto destacaram-se: Sinifães, Lourenço, Manuel Henrique e João de Buarcos.

Também cá veio o nosso velho amigo, senhor Guimarães, da cidade do mesmo nome, que andou a distribuir pela malta caixas de pinhões e agora por todos os cantos não se vêem senão cascas deles e a jogar ao par e pernao...

Daniel Borges da Silva